

# AFROS & AMAZÔNICOS



## PANDEMIA DA COVID-19 NA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

*Covid-19 Pandemic in the History of the Present Time*

*Rosa Elizabeth Acevedo Marin\**

**Resumo:** O ano 2020 – Ano I da Pandemia da Covid-19 – está sombreado pelo evento sanitário que tomou conta da realidade social, econômica e política em escala planetária e neste fato estamos imersos por imponderáveis. O exercício de refletir esta pandemia na história do tempo presente é produzido pelo vivido pelos vivos, que narram doença, morte, fome, desespero, impotência, mas também revoltas de indígenas, quilombolas, negros, cujas manifestações estão à viva voz nos meios digitais. São as narrativas de lutas por sobrevivência e os conflitos na sociedade brasileira marcada por desigualdades sociais que impelem a anotações e análises sobre os aspectos diversos dessa história. Qual é o ponto de inflexão destas manifestações? De que forma as narrativas sublinham o campo político dos Estados de exceção, das violações e opressão que aumentaram por conta da pandemia? O ano 2020 posicionou as ciências sociais face aos seus fazeres e práticas de pesquisa. Qual é a contribuição desses conhecimentos? Neste artigo apontam-se apenas alguns dados sobre o evento no domínio privilegiado dos discursos e em espaços virtuais.

**Palavras-chave:** História; Tempo Presente; Pandemia; Campo político.

### Introdução<sup>1</sup>

Perplexidade, assombro, angústias e medos são observações mais comuns de comportamentos e dos sentimentos humanos sobre o tempo presente, em regime de Pandemia da Covid-19. Narram-se os ineditismos diante dos fatos, seletivamente vividos por diferentes categorias sociais em 2020 e ainda, por viver em 2021. A partir de narrativas dos indígenas, quilombolas, negros, pardos, mulheres, homens, travestis, pessoas encarceradas, os denominados “favelados” as experiências e memórias estão em processo de objetivação e subjetivação. Quais as possibilidades destas narrativas – que são imensuráveis – do

\* Socióloga, egressa da Universidad Central de Venezuela. Doutorado em História e Civilização pela École des Hautes Études en Sciences Sociales. Professora Titular Universidade Federal do Pará (UFPA), vinculada ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos e Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Pesquisadora do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia.

1. Comunicação apresentada no XXIV Semana de História: Desafios e Conquistas Sociais Afro-brasileiras na UNIR de 17 a 19 de novembro de 2020. Mesa Negritude e caveirão. Coordenada pelo professor Marcos Teixeira com o título: Negritude no caveirão é mais que uma metáfora?

vivido virem a ser lidas como história do tempo presente?

Desde um ângulo prioritário, o imperativo é a reflexão sobre a história do Tempo Presente que de acordo com Lohn (2019, p. 10): “demarca temporalidades em construção, as quais correspondem ao vivido e aos vivos”. De forma perspicaz assinala o autor que não se trata de uma “prática do que pode ser chamado de luto social, como se apenas o mundo dos mortos coubesse à historiografia, mas do envolvimento com as lutas pela sobrevivência e seus conflitos em sociedades marcadas pelo capitalismo e pelas desigualdades sociais”. De forma extensiva, a interação entre narrativa histórica e o campo político<sup>2</sup> envolve possibilidades de escolhas teóricas e empíricas.

2. Lohn (2019, p. 11) no artigo afirma que “A constituição de uma História do Tempo Presente apontou para o chamado retorno do político. Afora este postulado, que já é quase um lugar comum, os estudos renovados sobre o político têm dinamizado a produção historiográfica, comportando elementos que dizem respeito não só a demandas sociais, mas também a interações metodológicas suscitadas pela tarefa de compreensão da contemporaneidade”. Ainda sublinha que a “escrita da história voltada ao tempo presente tem como significado básico



Identifica-se aqui como primeira questão: quais foram os efeitos da pandemia da Covid-19 nos processos de mobilização coletiva e quais foram essas mobilizações e seus sentidos em espaços das sociedades das Américas, especialmente Sulamérica? De que forma o racismo base da construção das relações sociais nessas sociedades impõe um campo de arbítrio, autoritarismo e negação, como ocorre no Brasil: Estes tiveram e ampliam efeitos sociais em dados de morbidade e mortalidade diferentes sobre negros, quilombolas, indígenas? Que possibilidades ilimitadas de pensar explodem e aproximam ao conhecimento de narrativas (oralidade dominante na internet) sobre os fatos? Como expõem sensibilidades que precisam ser apreendidas enquanto ação, expectativas e interpretações da Pandemia da Covid-19 como marca do vivido, pois são testemunhos-vítimas?

Neste momento, a densidade das percepções para esta análise apresenta limitações de várias ordens e aqui novamente a escolha se relaciona com as categorias analíticas, tais como política, biopoder, necropolítica que estão sinalizando a interpretações. No relativo aos “dados” sobre o acontecimento da Covid-19 estão marcados no domínio do político, por dissensos sobre a política sanitária, sobre subnotificação e especialmente sobre discriminação racial que estão sendo manifestados abertamente por movimentos sociais e pelos sujeitos que não são contados, e que apresentam falas, escolhas, posições, atos no tempo da pandemia em confrontação com o Estado, para Giorgio Agamben, “estado de exceção”.

### Os “documentos” da pandemia na era da Internet na América do Sul

Algo extremamente notável ocorreu na pandemia, isto pela imposição, em diversas situações por autodisciplina de me-

---

uma atitude política na qual a historiografia se expõe ao debate público em um momento em que diferentes narrativas buscam reescrever o passado com vistas a utilizá-lo como arma política”.

didias preventivas de “isolamento social” e pelas possibilidades de manter mobilizações coletivas, de lutar pela informação e ampliar o poder de neutralizar e combater a contrainformação. A maioria das pessoas foram pressionadas a usar meios digitais em excesso (whatsapp, email, associado a disponibilidade de internet) o que permitiu a comunicação e debates nas *lives*. O nosso cotidiano foi dominado pelas transmissões com efeito mobilizador e imobilizador, esse segundo, a limitação para sair na rua, participar de aglomerações. Diante dos medos a informação podia fazer a diferença, mais não houve motivo para otimismo, pois, ao contrário informações e mensagens não pode se afirmar terem sido facilitadas. Ainda é impossível aferir a efetividade de campanhas qualitativamente diferentes, enquanto campanhas negacionistas, acusatórias circularam livremente, especialmente no Brasil.

Nos livros, artigos, lives encontram-se os dados seletivamente elencados como possibilidade de documentos para interpretação do tempo presente. Giorgio Agamben organizou o livro *La Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tempos de pandemias* com artigos de autoria de filósofos, cientistas sociais, políticos que circulou nos meios acadêmicos com avidez de leitura e crítica, com traços comuns, começando pela visão do acontecimento evento pandemia da Covid-19 entre 26/2 e 27/03/2020. Esse conjunto de ensaios provocou polêmicas quanto à ação dos Estados que adotaram uma rígida política de proteção mediante o uso da coerção e abertamente, da força. A análise dessas ações como ato de Estados de exceção estava inspirada nas posições dos governos europeus (Itália, França, Alemanha, Inglaterra) sendo que a China figurou como pólo radical da disciplina individual e coletiva. As ondas de manifestantes contra os lockdown recebem interpretações dicotômicas: rebeldia ou conservadorismo? Agamben escreve três artigos no livro citado acima e recebeu comentários críticos. Na sua interpretação, ocorre na contempo-



raneidade a “invenção da pandemia”<sup>3</sup> que provoca o “verdadero estado de excepción”, revestido ainda de estado de terror que favoreceu o estado de medo e os estados de pánico coletivos. A justificativa de ameaças à saúde coletiva exigiu, de acordo com as autoridades, una política sanitária preventiva que não dispensou a “militarización” como aliada, limitando a liberdade. Estes puntos conferem-se no artigo “Desobediencia, por tu culpa voy a sobrevivir” da ativista, militante del feminismo radical, psicóloga e comunicadora boliviana Maria Galindo Neder com expressão indelével e sobretudo de rebeldia e insurgência.

Lo que está claro es que el coronavirus, más que una enfermedad, parece ser una forma de dictadura mundial multigubernamental policíaca y militar.

El coronavirus es un miedo al contagio.

El coronavirus es una orden de confinamiento, por muy absurda que esta sea.

El coronavirus es una orden de distancia, por muy imposible que esta sea.

El coronavirus es un permiso de supresión de todas las libertades que a título de protección se extiende sin derecho a réplica, ni cuestionamiento.

El coronavirus es un instrumento que parece efectivo para borrar, minimizar, ocultar o poner entre paréntesis otros problemas sociales y políticos que veníamos conceptualizando.

De pronto y por arte de magia desaparecen debajo la alfombra o detrás del gigante.

3. En “la Invencción de una pandemia” (26/febrero) interroga: ¿por qué los medios de comunicación y las autoridades se esfuerzan por difundir un clima de pánico, provocando un verdadero estado de excepción, con graves limitaciones de los movimientos y una suspensión del funcionamiento normal de las condiciones de vida y de trabajo en regiones enteras? Dos factores pueden ayudar a explicar este comportamiento desproporcionado. En primer lugar, hay una tendencia creciente a utilizar el estado de excepción como paradigma normal de gobierno. El decreto-ley aprobado inmediatamente por el gobierno “por razones de salud y seguridad pública” da lugar a una verdadera militarización “de los municipios y zonas en que se desconoce la fuente de transmisión de al menos una persona o en que hay un caso no atribuible a una persona de una zona ya infectada por el virus”. Una fórmula tan vaga e indeterminada permitirá extender rápidamente el estado de excepción en todas las regiones, ya que es casi imposible que otros casos no se produzcan en otras partes. Consideremos las graves restricciones a la libertad previstas en el decreto (AGAMBEN, 2020, p. 18)

El coronavirus es la eliminación del espacio social más vital, más democrático y más importante de nuestras vidas como es la calle, ese afuera que virtualmente no debemos atravesar y que en muchos casos era el único espacio que nos quedaba.

El coronavirus es el dominio de la vida virtual, tienes que estar pegada a una red para comunicarte y saberte en sociedad.

El coronavirus es la militarización de la vida social. Es lo más parecido a una dictadura donde no hay información, sino en porciones calculadas para producir miedo.

El coronavirus es un arma de destrucción y prohibición, aparentemente legítima, de la protesta social, donde nos dicen que lo más peligroso es juntarnos y reunirnos. (GALINDO, 2020, p.120)

*A live De La Sopa de Wuhan al sancocho latino-americano<sup>4</sup> Charla sobre las movilizaciones y protestas sociales en Latinoamérica y El Caribe, antes y durante la pandemia de Covid-19* organizado pelos estudantes de Mestrado em Estudos Culturais e Estudos de Gênero na Universidad Nacional de Colombia traz as vozes de intelectuais e ativistas da Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, Haití, República Dominicana. O ciclo de conferências formula uma questão: Quais as afetações que a pandemia estava gerando nos processos mobilizatórios que estavam em curso desde 2019 na América Latina? Na ideia de propor formas de articulação, conexão de experiências e compreender o mundo confinado atentam para o livro Sopa de Wuhan e nele criticam certo “eurocentrismo acadêmico”, o “racismo” por insistir em um “Oriente culpado”. O central é a reflexão provocada sobre América Latina, na qual é preciso adicionar governos neoliberais com políticas de exclusão, perseguição de sujeitos subalternos e de vários movimentos sociais, e nessa combinação indicam que abordaram um “sanchocho latino-americano”; as circunstâncias em que o vírus chega em um continente com dinâmicas conflitivas e mobilização próprias. A compreensão do

4. De la sopa de Wuhan al Sancocho Latinoamericano. Universidad Nacional de Colombia. 16/17 e 18 de junio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com>.





mundo que está gerando a pandemia não pode ser feita sem as vozes da América Latina, é a proposição do debate. As exposições revelam os atos de Estados arbitrários e policiais de movimentos que se manifestavam por água, alimentos, saúde na pandemia; as manifestações públicas foram duramente reprimidas e as políticas sanitárias foram inexpressivas. O vírus produziu a formulação de outras políticas de morte sobre as já conhecidas. Como escreve Maria Galindo Neder,

El coronavirus podría ser el Holocausto del siglo XXI para generar un exterminio masivo de personas que morirán y están muriendo, porque sus cuerpos no resisten la enfermedad y los sistemas de salud las, les y los han clasificado bajo una lógica darwiniana como parte de quienes no tienen utilidad y por eso deben morir. Empecemos por decir que acá al coronavirus le esperaba ya en la puerta el dengue, que viene matando en el trópico –sin titulares en los periódicos– a las gentes malnutridas, a las wawas (1), a quienes viven en las zonas suburbanas insalubres. El dengue y el coronavirus se saludaron, a un costado estaban la tuberculosis y el cáncer que en esta parte del mundo son sentencias de muerte. (GALINDO, 2020, p.121)

As lives com extenso programa de conferências, seminários, palestras, artigos, livros, reportagens e declarações fizeram uso de meios de divulgação e agentes sociais fizeram sua primeira “live” e o mundo virtual necessitava estar a favor dos negros, quilombolas, indígenas, mulheres quebradeiras. Aliás, essa visão do lugar de fala das mulheres não poderá ser retirado e elas ocuparam densamente estes espaços. Nos coletivos que emergiram e se organizaram, identifica-se um número significativo de mulheres, que adquiriram rapidamente clareza sobre os efeitos imediatos das desigualdades sociais, isto no momento que é (foi) necessária a hospitalização ou a imolação de familiares, vizinhos, amigos, e que significa a rápida destruição dessas unidades sociais. A iminência dos efeitos de demissão e desemprego durante a pandemia foi maior entre as mulheres.

A pandemia escancarou o racismo no Brasil, axial nos domínios da vida e das relações sociais no Brasil. Nos Boletins Epidemiológicos do Ministério da Saúde esse elemento foi silenciado. Em reportagem da CNN<sup>5</sup> é mencionado que a “cada dez brancos que morrem da Covid-19 no Brasil, morrem 13 pretos ou pardos”<sup>6</sup>.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a proporção dessas populações no Brasil é de 10 brancos para 13 pretos ou pardos. No caso das internações pela doença, há um equilíbrio: negros representam 49,1% dos internados por Covid-19, enquanto brancos representam 49%. Mas na análise das mortes, o descompasso aparece, pretos e pardos representam 57% dos mortos pela doença enquanto brancos são 41% dos mortos.

A matéria aborda os profissionais de saúde em nível técnico e destaca que na equipe de saúde quem está na linha de frente, os auxiliares de enfermagem e Técnicos de enfermagem são pessoas negras e isso os coloca em maior risco de contaminação, adoecimento e óbito. Os dados apontados por Alexandre da Silva, professor da Faculdade de Medicina de Jundiaí, são elucidativos.

De fato, isso se traduz nos números: entre os profissionais de enfermagem brasileiros, 42,3% são brancos e 53% pretos e pardos, de acordo com a Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, de 2013, feita pela Fiocruz em parceria com o Conselho Federal de Enfermagem. O levantamento inclui técnicos de enfermagem, auxiliares e enfermeiros.

Nas estatísticas que estão sendo produzidas existem inconsistências e afirma-se que “Faltam dados importantes para esclarecer ainda melhor a localização geográfica dos negros vítimas do coronavírus.

5. Morrem 40% mais negros que brancos por coronavírus no Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br>. Acesso em: 18 de novembro de 2020.

6. Aponta a matéria que “a variável raça/cor registradas ou isso não foi incluído na análise do Ministério da Saúde”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br>. Acesso em: 18 de novembro de 2020.



Da observação feita pela Alta-comissária da ONU para os direitos humanos, Michelle Bachelet, detém-se que, “no Estado de São Paulo, as pessoas negras têm 62% mais chances de morrer de Covid-19 do que as brancas”.

### Dimensões do tempo presente

No ano I da Pandemia da Covid-19 houve uma produção de artigos, livros, vídeos e lives bastante surpreendente, quer dizer que as ciências responderam rapidamente e não foi exclusivo das ciências da vida. As ciências sociais e humanas se mobilizaram e trouxeram contribuições que certamente foram difíceis, pois se tratava de realizar descrições sobre situações sociais e realidades específicas, levando em consideração as complexidades e limites, o mais notável o relativo ao trabalho de campo, os registros fotográficos e sonoros severamente impedidos de ter qualquer solução de continuidade.

Almeida, Acevedo Marin e Melo organizadores do livro “Pandemia e Território” (2020) formulam dois blocos de questões, marcadas no tempo presente:

i) em tempos do Covid-19, os mecanismos de controle social e de dominação política se concentram nas agências e nos dispositivos vinculados à saúde pública. As relações de poder objetivam o controle dos recursos mobilizados para este setor durante a pandemia. Isto propicia condições de relevância da questão nas pautas midiáticas e abre uma nova arena de ácidas disputas políticas por recursos públicos. Haja vista a abertura de inúmeros processos jurídicos para apurar suspeitas de corrupção em licitações destinadas a apreciar propostas voltadas para a construção de hospitais de campanha e/ou para a aquisição dos equipamentos médicos necessários à implementação de UTIs. Quais os efeitos disto nas comunidades em que estamos desenvolvendo trabalhos de pesquisa, levando em conta o intervalo de tempo entre março e julho de 2020 e a duração da pandemia?

ii) A biopolítica através dos biopoderes locais se ocupa da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade e da natalidade na medida em que eles se tornam objeto de perdas ou ganhos polí-

ticos. Bio-poder seria aquele domínio da vida sobre o qual o poder estabeleceu o controle, diria Mbembe, logo no início de **Necropolítica**, a respeito da definição de Foucault. Neste período de pandemia os postos relativos à mencionada gestão da saúde tornam-se, portanto, alvos de lutas faccionais, instituindo um complexo “território da política”. A escolha de um Ministro da Saúde e de um secretário estadual ou municipal de saúde, assim como a eleição de um dirigente de um DSEI, tornam-se um objeto privilegiado das relações de poder. Está-se diante, portanto, de uma tecnologia de poder que visa o controle não somente de indivíduos, por meio de procedimentos disciplinares das gestualidades e de atos triviais de higiene, mas do conjunto daqueles que constituem a “população”, objetivando assegurar um aprimoramento da modalidade de gestão da força de trabalho. O significado de biopolítica representaria, segundo Foucault, um momento de passagem desta dimensão político-organizativa à dimensão ética. Como interpretar estes processos políticos convertidos em fatores éticos e as estratégias adotadas pelos governos, através de unidades discursivas e atos de Estado? Em que medida as iniciativas de compreensão do fenômeno da pandemia se acham referidas a uma racionalidade política, de fundamento liberal, e a uma ética singular? (ALMEIDA; ACEVEDO MARIN; MELO, 2020, p. 40-41)

As contribuições teórico-empíricas dos autores desta coletânea gravitam em torno de instrumentos etnográficos que “possuem potencial que permite penetrar analiticamente em cada uma destas situações concretas e descrever como os agentes sociais percebem e agem face aos mecanismos de controle dos poderes, que gravitam em torno do governo e do Estado” (ALMEIDA; ACEVEDO MARIN; MELO, 2020, p. 48). Na coletânea as categorias referidas são indígenas que vivem em aldeias localizadas em perímetros urbanos e em seus próprios territórios identificados e demarcados; quilombolas, ribeirinhos, pescadores artesanais, comunidades de fundo e fecho de pasto; comunidades afetadas pela exploração mineral, pequenos agricultores e extrativistas, moradores de bairros periféricos das grandes cidades que estão posicionados nos grupos forma-



dos em uma sociedade de elevada desigualdade social, de injustiças radicais que se agravam com a pandemia e pairam sobre essas “vidas nuas” conforme a expressão de G. Agamben (2010).

Os colaboradores participaram da realização de eventos de divulgação mediante oito lives ou webinários de lançamentos, nos meses de agosto e setembro de 2020, que se constituíram em atualização de debates no acompanhamento do próprio evento sanitários e que mobilizaram um público difuso, calculado em mais de 2700 pessoas a partir das cidades de Manaus, São Luís, Belém, Recife, Florianópolis, e Cali, na Colômbia. A disponibilidade de acesso ao livro no site do Projeto Nova Cartografia Social fez de sua circulação e leitura, das suas 1226 páginas escritas por 160 colaboradores na primeira e segunda parte do livro (ALMEIDA; ACEVEDO MARIN; MELO, 2020).

Se as dimensões e as práticas da política de Estado são direcionadas deliberadamente para não contabilizar “vidas dignas”, utilizando-se da subnotificação, o que interroga sobre esse fazer das “vítimas do novo coronavírus os novos infames?” conforme escrevem Navarro *et al.* (2020) é preciso acionar a ação política que tem possibilidades de romper com “o racismo vinculado ao capitalismo, no qual os corpos negros escravizados foram objetificados e tomados como mercadoria. A base argumentativa dos autores está endereçada, por entender que “histórias importam, muitas histórias importam”.

A história de muitos sujeitos foi contada de uma única forma, criando os sujeitos infames, vidas de existências-relâmpago, cujas existências obscuras e desventuradas eram destinadas a passar sem deixar rastro, “iluminadas” somente pelo encontro com “o poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam. (NAVARRO *et al.*, 2020)

O artista plástico Edson Pavoni<sup>7</sup> escreve a versão da história com “os Inumeráveis”, utilizando nomear e tecer as histórias das vítimas do vírus. A plataforma “Os Inumeráveis” tem como “objetivo valorizar, em forma de registros históricos, cada uma das vidas perdidas em função da pandemia do coronavírus no Brasil e dar visibilidade a histórias antes invisíveis”. Outro termo, os invisíveis, que designa os que estão no limbo entre a faixa de vulnerabilidade social – cadastrados no Programa Bolsa Família e acompanhados pela Política de Assistência Social, e os de classe média-pobre. Por fim, os ultravulneráveis, termo usado para designar os que não conseguem acessar internet, nem possuem documentação para acessar o auxílio oferecido pelo governo no contexto de pandemia.

A história da pandemia, no tempo presente é a “história de vidas de sujeitos que merecem viver e merecem que deles se fale, para muito além das análises numéricas” frase que se tornou consenso e, sobretudo, prática. Aliás, eles estão rompendo silêncios das mortes e das sentenças-mortes das políticas, mediante suas organizações (Articulação de Povos Indígenas – APIB; Coordenação Nacional de Articulação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas – CONAQ; CUFA – Central Única das Favelas), registram as vítimas da Covid-19 e, inclusive, a APIB aponta queixa do genocídio em curso no Brasil. No dia 30 de junho de 2020 denunciaram que a pandemia se havia alastrado nas Terras Indígenas e pediram do Supremo Tribunal Federal um pedido de medida cautelar, de maneira a determinar a ação imediata do poder público com execução de um Plano Emergencial para proteger os povos indígenas do Brasil<sup>8</sup> para impedir o genocídio. Governo federal e autoridades estaduais ignoram denúncias, reivindicações e direitos étnicos.

7. Entre os Inumeráveis, o que fica sempre é o mais simples. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br>. Acesso em: 18/novembro de 2020.

8. Povos indígenas acionam o Supremo para impedir genocídio. Disponível em: <https://cimi.org.br>. Acesso em: 15 de novembro de 2020.





### Considerações não finais

Talvez a humanidade tenha trazido as memórias e histórias da denominada da Gripe Espanhola como necessário contraponto à pandemia da Covid-19 e não foram apenas os infectologistas, os jornalistas e os historiadores que enunciaram os elementos para aproximar e diferenciar os dois eventos quase simultaneamente. A escrita do ano 2020 passará pelo rigor das observações e interpretações, o que neste artigo não tivemos a proposta e condições de realização, muito menos com a pressa que perde as conexões desta complexidade de quase inapreensível.

O breve exercício realizado para este ensaio, o qual foi apresentado em webinar da UFRN, em novembro de 2020, identifica algumas vozes, posicionamentos, produção acadêmica com objetivo de galvanizar os debates e, sobretudo, incentivar a escrita do tempo pandêmico com posicionamentos que retirem as ambiguidades de ações contidas nos discursos de autoridades políticas, acadêmicas, governantes que atravessam este evento e que expõem como posicionamento mais crítico os questionáveis negacionismos das ciências e dos fatos.

No Brasil, são os vivos que falaram pelos mortos, sobre as lutas pela sobrevivência e o respeito à dignidade da vida no meio de uma situação definida como genocídio, por movimentos sociais e por inúmeras vozes da sociedade brasileira. Os pesquisadores dos diversos campos da ciência buscam contribuir na construção de fontes de informação, documentos e vozes testemunhos do ano I da Pandemia da Covid-19 e continuidades de tragédias anunciadas.

### Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. 1ª edição. Buenos Aires: ASPO, 2020.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth; MELO, Eriki Aleixo de. (Orgs.). **Pandemia e Território São Luís**: UEMA Edições/ PNCSA, 2020. 1226p.

GALINDO, Maria. Desobediencia, por tu culpa voy a sobrevivir. In. AGAMBEN, Giorgio. **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. 1ª edição. Buenos Aires: ASPO, 2020. p. 118-127

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Reflexões sobre a história do Tempo Presente: uma história do vivido**. Coleção história do Tempo Presente: volume 1 / Tiago Siqueira Reis *et al.* organizadores. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019.

NAVARRO, Hirtz do Nascimento Joel; SILVA, Mayara Ciciliotti da.; SIQUEIRA, Luziane de Assis Ruel; ANDRADE, Maria Angélica Carvalho. **Necropolítica da pandemia pela Covid-19 no Brasil**: quem pode morrer? quem está morrendo? quem já nasceu para ser deixado morrer? No prelo.

-----//-----

**Abstract:** The year 2020 – the Year I of the Covid-19 (Sars-CoV-2) Pandemic – is shadowed by the health event that took over the social, economic, and political reality on a planetary scale, and, in this fact we are immersed by imponderables. The exercise of reflecting this pandemic in the history of the present time is produced by what is lived by the individuals, who narrate illness, death, hunger, despair, impotence, but also demonstrations by indigenous people, quilombolas, blacks, whose manifestations are alive through digital media. The narratives of struggles for survival and conflicts in Brazilian society marked by social inequalities that impel annotation, analysis of the diverse debates in this history. What is the tipping point of these manifestations? How do the narratives highlight the political field of states of exception, of the violations and oppression that increased due to the pandemic? The year 2020 positioned the social sciences in face of their research practices. What is the contribution of this knowledge? In this article, data about the event are pointed out in the privileged domain of the speeches and in virtual spaces.

**Keywords:** History; Present Time; Pandemic; Political field.